

Bancos suíços são favoráveis, mas querem esclarecimentos técnicos

por William Dullforce
do Financial Times

Os bancos suíços concordaram, em princípio, em participar do Plano Baker para aliviar a crise da dívida dos países em desenvolvimento, mas desejam que vários detalhes técnicos sejam esclarecidos antes que endossem formalmente a iniciativa.

"Consideramos que a posição é correta. A mudança na atitude de Washington em relação à crise da dívida é bem-vinda e esperamos que o plano seja implementado", declarou Hans Mast, vice-presidente executivo do Credit Suisse.

O plano, lançado em outubro por James Baker, secretário do Tesouro dos Estados Unidos, prevê que os bancos comerciais emprestem US\$ 20 bilhões aos quinze países mais endividados nos próximos três anos. O Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento emprestariam um montante análogo.

PRAZO

Os Estados Unidos solicitaram aos bancos comerciais que se comprometessem com o plano até meados do presente mês. Bancos japoneses, canadenses e norte-americanos manifestaram seu apoio, mas as instituições da Europa Ocidental não expressaram seu respaldo dentro do prazo, com exceção das instituições britânicas.

Os três maiores bancos suíços — Union Bank of Switzerland, Swiss Bank Corporation e Credit Suisse — teriam chegado a um entendimento sobre não permanecerem indiferentes à iniciativa, embora alguns altos executivos tenham inicialmente resmungado por serem impulsionados pelos Estados Unidos a arriscar seus recursos sem um acordo comercial adequado.

Um dos motivos da disposição favorável dos bancos suíços são os US\$ 17,4 milhões atualmente comprometidos pelas instituições entre os quinze principais países endividados, um montante relativamente pequeno. Caso as contribuições ao Plano Baker sejam calculadas em base aos presentes empréstimos, os bancos suíços teriam de fornecer apenas US\$ 400 milhões em três anos.

Uma carta de intenção foi acertada por Franz Lütolf, presidente da comissão executiva da Corporação de Bancos Suíços, mas os banqueiros do país dese-

jam ter algumas questões respondidas pelo Tesouro norte-americano antes que esta seja enviada.

DEFINIÇÃO

Uma das questões se refere à definição de "dinheiro novo". O mercado de capital suíço gera substanciais montantes em emissões para o Banco Mundial e outras instituições internacionais de desenvolvimento. Isso seria considerado dinheiro novo?

Os banqueiros suíços também consideram que os procedimentos sob os quais os empréstimos dos bancos comerciais serão coordenados em conjunto com o Fundo Monetário Internacional e os bancos internacionais de desenvolvimento necessitam ser elucidados. Os banqueiros estão discutindo essas questões com representantes de outras instituições européias, em particular com as da Alemanha Ocidental, que também ainda não manifestaram sua adesão ao Plano Baker.

Fortune prevê fracasso da iniciativa

A influente revista Fortune afirma em sua última edição que o Plano Baker "não funcionará" e "a única solução lógica" é os bancos comerciais aceitarem grandes perdas de seus empréstimos.

Para a Fortune, embora saudado como "inovador e audacioso", o Plano Baker deixa de lado o verdadeiro problema da dívida: esta "é demasiadamente grande para que os devedores possam administrar sobre uma base sustentada".

A Fortune afirma que essas quinze nações deveriam US\$ 437 bilhões e os juros são de uns 10% desse total. O Plano Baker "convoca outros 40 bilhões para se somarem a essa dívida nos próximos três anos", quando, na realidade, o adequado seria "aliviar os encargos" das nações devedoras.

TOMAR MENOS

Isto só pode acontecer "se os bancos credores aceitarem tomar dos devedores menos do que exigiram até agora", diz a Fortune.

"Tomar menos", continua a revista, "significaria reduzir o valor de seus ativos nos empréstimos bancários, um passo doloroso que os bancos evitaram durante anos".